

MEMÓRIAS E PRÁTICAS DO OFÍCIO NA ARTE DO BARRO: COMUNIDADE, PRÁTICAS COLETIVAS E “APRENDIZES”¹.

Adimilson Renato da Silva²

Resumo: Esse artigo destaca aportes descritivos da memória coletiva e das práticas significantes de “aprendizes” no Ofício de Paneleiras de Goiabeiras. A pergunta básica sobre a iniciação de artesãos(os) na arte da produção de panelas de barro (Vitória-ES) ressoou dimensões complementares da aprendizagem situada nesta comunidade de práticas, tais como a validação das peças pelo cliente imediato, a autoestima firmada neste duplo reconhecimento da pessoa e do artefato, e a atualização do saber fazer imerso na habilidade de moldar o barro e narrar a trajetória individual e coletiva. Tais aspectos possibilitaram analisar como as práticas e trajetórias destes sujeitos estabelecem relações com a memória coletiva, com a matéria-prima utilizada para confeccionar as peças ceramistas, e a aprendizagem situada a partir da organização coletiva do trabalho. Por fim, o Ofício de Paneleiras traduz-se nestes âmbitos de conhecer e solidificar certas parcerias e saber utilizar e equilibrar o barro, atribuindo inteligibilidade a narrativa da atividade panelreira a mobilizando e perpetuando ao longo do tempo.

Palavras-chave: primeira palavra-chave, segunda primeira palavra-chave, terceira palavra-chave.

Introdução

A comunidade de Goiabeiras Velha explicitou-se como lugar de visibilidade àquelas mulheres que viram sua ocupação secundária realizada em tempos livres – produzir panelas de barro – ser alçada ao estágio de representação da cultura capixaba e reconhecida pelos órgãos nacionais competentes. Sendo assim, confeccionar panelas de barro também delinea e dinamiza a arena de disputas na qual buscam manter esta tradição, e por extensão, elaborar identidade e utilizá-las nas negociações que permitem o acesso aos recursos materiais e simbólicos imprescindíveis à continuidade do grupo.

A história do ofício das paneleiras tem a sua origem localizada aproximadamente em 400 anos, sendo herança cultural das tradições Tupi-Guarani e Una, populações indígenas habitantes da costa marítima do estado do Espírito Santo. Já as paneleiras de Goiabeiras desenvolvem a atividade de produção de panelas artesanais, em sua Associação de Paneleiras de Goiabeiras, desde 1987, período que corresponde à

¹ Pedese não citar pois o texto se encontra em elaboração.

² Doutorando em Ciências Sociais-UNISNOS. Pesquisador do Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais no Brasil-LapCAB-UNISINOS. E-mail: arenatos2@gmail.com

organização das mesmas para a produção e comercialização desses artefatos (DIAS, 2006).

As panelas e outras peças de barro (artefatos culturais) são produzidas por mulheres, em um galpão comunitário, mas empregando homens em atividades como a extração de argila do barreiro³ e a limpeza de impurezas do material a ser utilizado. O trabalho é estritamente manual e, nele, os corpos engajam-se plenamente na modelagem das panelas. Após as peças serem fabricadas no processo de modelagem, segue o processo de queima das panelas a céu aberto em fogueira de lenha improvisada, fora das dependências do galpão. Por último, as peças são levadas para bater tanino, material extraído de um manguezal existente ao lado da associação. Processo que garante a durabilidade das peças e o seu aspecto de cor preta. O tanino é batido nas panelas saídas do ambiente de queima, em temperatura perto dos 600°C.

Neste texto pretendo expor e discutir registros e percepções etnográficas que possibilitaram uma aproximação à memória coletiva e às práticas significantes de “aprendizes” no Ofício de Paneleiras de Goiabeiras. Um dos aspectos mais mencionados em pesquisa de campo, no contexto de produção de artefatos de barro, no bairro de Goiabeiras (Vitória-ES), deu-se no interesse por parte das artesãs e artesãos em narrar, demonstrar e dimensionar, o processo de iniciação na arte de moldar panelas de barro. Esse tipo de aprendizagem situada em suposta comunidade de práticas (LAVE, 2015), permitiu a verificação parcial de como esses atores encarravam o valor e os significados articulados em torno do Ofício de Paneleiras. De algum modo, a autoestima consolidada no duplo reconhecimento da pessoa e do artefato, atualiza o saber-fazer e demonstrar níveis de engajamentos e habilidades na atividade de moldar a matéria-prima, barro, e as formas de narrar essa trajetória individual e coletiva explicitada entre cultura, tradição e ecossistemas.

A pergunta básica sobre a iniciação de artesãs(os) na arte da produção de panelas de barro (Vitória-ES) ressoou dimensões complementares da aprendizagem situada nesta comunidade de práticas, tais como a validação das peças pelo cliente imediato, a autoestima firmada neste duplo reconhecimento da pessoa e do artefato, e a atualização do saber fazer imerso na habilidade de moldar o barro e narrar a trajetória individual e coletiva.

³ Jazida denominada como barreiro, localizada no Vale do Mulembá, Vitória, de onde se extrai o barro de forma artesanal. Esta atividade é estritamente vinculada aos homens.

Tratou-se, desse modo, de descrever e analisar certos aspectos dos fazeres e saberes das paneleiras e seus parceiros, artesãs estas articuladas na APG e no bairro de Goiabeiras Velha, na cidade de Vitória-ES, que entre o fluxo de ações e estratégias de articular produção, circulação e consumo de seus bens identitários, carregam consigo a memória das gerações antecessoras. Mulheres estas que “encantam” seus parceiros da atividade e das situações interativas ao *retirarem* e *imprimirem* de uma simples bola de barro, além da forma utilitária exposta na panela da cozinha capixaba, auspícios de esperança e caminhos possíveis para a própria sobrevivência do grupo familiar.

O galpão com cerca de 432m² abriga a produção das panelas e demais peças e é organizado, sobretudo, para comportar os processos que envolvem a modelagem, secagem e polimento das peças. A Associação de Paneleiras de Goiabeiras (APG) localiza-se na região norte da cidade de Vitória (ES). Está situada às margens da BR 101, na localidade de Goiabeiras Velha, bairro de Goiabeiras. O Galpão das Paneleiras, assim popularmente denominado e reconhecido como referência geográfica de orientação da população local nesta região da cidade, encontra-se imediatamente ao lado de um manguezal que também faz divisa com a UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), e a meio caminho do Aeroporto de Vitória. Neste espaço, cuja reordenação pode ser destacada em três fases bem delimitadas⁴, encontramos as mulheres e homens produtores de panelas de barro com maior assiduidade neste ambiente, justamente porque nem todas (os) o utilizam para a produção, pois permanecem em suas casas e ao término da feitura das peças as levam para serem queimadas nas proximidades do galpão.

As panelas são comercializadas nas dependências da Associação, atraindo turistas e compradores fiéis, de longo tempo, mas também é possível ver as panelas expostas nas lojas da cidade. A venda destes artefatos extrapola o uso das panelas para a produção de comida. Isso porque as panelas de Goiabeiras se inserem como importante ícone da culinária capixaba. Sob as prerrogativas do dito popular “*Fazer peixe e marisco pode ser em qualquer panela, mas a moqueca capixaba somente nas panelas*

⁴ A primeira é conhecida com a ocupação de um terreno da Marinha, onde foram construídas “casinhas” utilizadas como ambiente para guardar utensílios e as panelas produzidas. Neste mesmo local, entre a década de 80 e 90 foi construído o Galpão das Paneleiras pela Prefeitura Municipal de Vitória. Na sequência dos anos de 2011 e 2013, este espaço foi reformulado por uma arquitetura moderna e constitui o atual lugar de produção das panelas de barro (Dias, 2006; Simão, 2008).

de barro produzida em Goiabeiras”, estas mulheres promovem a produção artesanal e a comercialização das panelas de barro, impactadas por construções identitárias de etnia, classe e gênero, recriando relações familiares, de parentesco e vizinhança. O galpão da Associação é, portanto, um *lugar*⁵ construído, apropriado e ressignificado de trajetórias, pessoais e coletivas, práticas e experiências cotidianas dos membros que o integram em interação social.

Reflexividade, memória coletiva e comunidades de práticas: algumas problematizações

Numa suposta convergência de experiências entre modelos distintos, ilustrativa da performatividade da cultura como recurso, discutida anteriormente, ocorre uma redução semântica das tradições culturais, semelhante àquela analisada por Trajano (2012) – pela qual se supõe que as habilidades e contextos produtores de práticas e saberes – são reconfigurados e reconstruídos como “cenários”, produtos para um público ávido por vivenciar experiências autênticas (LIFSCHITZ, 2011; GRABURN, 2008).

Tal redução também produz, nos próprios atores, uma ressignificação de suas identidades, ao passo que se deslocam de um campo de mediações para outro. No caso dos atores antes reconhecidos como guardiões da tradição cultural, sua legitimidade (e poder) entendida na interpretação da ação prática e das representações de referências delimitadas pela abrangência de cada Ofício, ganha atribuições modernas de especialistas¹⁶. Novos termos são incorporados às suas narrativas e velhos termos são ressignificados, em uma tradução de suas experiências frente aos novos condicionamentos operados por modelos de ação de outros atores.

⁵ Em termos gerais, o entendimento de lugar remete a ideia de uma arrumação que produz o singular (YÁZIGI, 2001). Para este autor, o arranjo das dimensões territoriais, temporais e perceptivas declara a ‘alma’ do lugar enquanto “materialidades, práticas e representações com uma aura [...]” (idem, p. 24). Por esta linha de interpretação “quando um cidadão vive seu lugar ou quando um viajante se detém para considerar aquilo que gostaria de ‘levar consigo’, aí se capta uma essência” (idem, p. 41). Por sua vez, Certeau (1996) discutirá o lugar como posição comum à gestão de alteridade dos sujeitos em relação a si e aos outros das situações interativas. Para este autor, o desempenho da ação se efetiva para além do imediatismo das circunstâncias cotidianas quando se consegue estipular uma posição estratégica para pensar a atuação em longo prazo. Do contrário, quando se transita por entre esferas distintas daquelas que se mantêm alguma competência plausível para efetivação de objetivos e interesses, o jogo interativo se dá pela tática de desferir golpes incessantes, e por isso, sem perspectiva de terem efetividade e concretizarem a ação. Pensamos junto com Michel de Certeau que ocorre circunstâncias nas quais o ator deve mobilizar estratégias e táticas para efetivar sua ação, e assim, consegue ampliar as habilidades de movimentação pelas zonas “claras e obscuras” da realidade cotidiana.

Outro aspecto importante é o entendimento de diferentes percepções e ações de instâncias socioculturais distintas atuando conjuntamente, e antes de serem excludentes entre si, orientam suas ações para um projeto que converge ao encontro de epistemes, um contexto reconhecido e denominado por Lifschitz (2011, p. 102) de neocomunidades: “[...] processos culturais em que agentes modernos operam nas formas organizativas, materiais e simbólicas de comunidades tradicionais para reconstruir territórios, práticas e saberes a partir de técnicas e epistemes modernas”.

Por isso, para tentar avançar na compreensão destas diferentes comunidades de interpretação, localizar-se-á o fenômeno descrito por Giddens (1997) de reflexividade, esboçado anteriormente, em conjunção com os aspectos descritivos dos termos habilidades (INGOLD, 2015) e comunidades de práticas (LAVE, 2015). Se as paneleiras de goiabeiras, artesãs e artesãos, engajam-se cognitivamente e corporalmente na tarefa de equilibrar as substâncias dos materiais que manipulam para obtenção das peças de barro, observar as habilidades aprendidas na prática desta comunidade de participantes cambiantes (LAVE, 2015), pode explicitar, supõe-se, as reações e interações – suas implicações e resultados – neste momento de revalidação patrimonial⁶ dos saberes e fazeres (CERTEAU, 1996) proposto como aperfeiçoamento institucional das políticas de cultura no país.

Para Jean Lave (2015), a noção de *participantes cambiantes na prática* pode demonstrar os níveis de engajamento destes indivíduos em diferentes práticas cotidianas presentes em múltiplos contextos. Do mesmo modo, as modalidades de interação e os níveis de reciprocidade decorrentes neste processo de *aprendizagem situada* implicam relações entre pessoas, contextos e práticas. Visto dessa maneira, abre-se caminho às *contradições* e *incoerências* presentes na vida e na aprendizagem porque “aprender na prática envolve aprender a fazer o que você já sabe e fazer o que você não sabe” com base na situação interativa que tais processos se estabelecem simultaneamente, “tais relações, múltiplas e contraditórias, são todas, juntas e ao mesmo tempo, “a relação” em questão – chamem isso de “aprender na/com prática.” (LAVE, 2015, p. 41).

Esta maneira de abordar o saber-fazer de indivíduos e grupos participantes de comunidade de práticas pode contribuir na descrição e análise das *modalidades de*

⁶ O Ofício de Paneleiras de Goiabeiras Velha está em processo de reavaliação. Encerrado o período de dez anos após o primeiro registro no Livro Saberes do IPHAN, está em curso a aplicação do INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) por equipe de técnicos especializados, o que pode ser visto em resultado parcial deste trabalho no vídeo Saberes do Barro (2016).

reflexividade existentes na interação cotidiana das mulheres e homens produtores de destes artefatos culturais. Ao mobilizarem recursos materiais e simbólicos entre situações e contextos, as posições ocupadas pelas Paneleiras de Goiabeiras tornam-se reveladoras dos processos de ressignificações de práticas e discursos, caso ocorram. Desta maneira, posicionar melhor o conceito de comunidade de práticas perpassado por modalidades de reflexividade distintas, suponho, direciona acompanhar a *performance interativa* (GRABURN, 2008) de humanos e não-humanos em ambientes situados.

A potencialidade destes tipos de ação e engajamento, em contextos de patrimonialização cultural, para além da análise das apropriações do ofício e seus efeitos, investem na tentativa de compreender os limites e potencialidades das habilidades das artesãs e suas narrativas. Ser afetada e contagiar àquelas pessoas nestes ambientes interpelam o saber-fazer de práticas e modeliza a maneira que se habita o mundo. Fato persistente na hipótese de que as recomendações técnicas referentes ao término da argila na jazida de extração deste material, por mais que mobilizaram as artesãs e seus parceiros na luta pela garantia do acesso a este recurso natural escasso, por extensão evocou a consciência prática da comunidade de artesãs desde a imprevisibilidade de continuidade da tradição herdada em linha geracional. A escola passou a ser o destino das crianças nascidas em Goiabeiras Velha por tempo integral⁷.

Em vez de apenas concordar com Giddens (1997), ao afirmar que a reflexividade implica direta e indiretamente a reflexão da própria reflexão das práticas e conhecimento, e neste âmbito, inserida na orientação cotidiana resultante de mecanismos intersubjetivos de avaliações e reconhecimento modulados constantemente, deve-se neste estudo inquirir e demonstrar analiticamente como esse processo ocorre.

Percepções etnográficas entre o saber-fazer e a memória do ofício e da coletividade

⁷ Explicitam-se inúmeras categorias de acusação neste circuito de produção de bens identitários conhecido como “cultura do barro” e enquanto lugar da tradição e memória paneleira. Quando visitamos o Galpão, nas conversas e entrevistas realizadas, mas, sobretudo, na observação direta das inserções de diferentes agentes neste lugar (turistas, vizinhos, vendedores ambulantes, etc.), imediatamente surgia o cuidado de contrapor as *categorias de acusação* explicitadas enquanto: crianças menores trabalhando; aumento da produção das peças de barro; inserção na lógica de mercado; saída da tradição; uso indevido da “cultura”, etc, etc, etc. Para uma coletividade reivindicativa e demandada como as Paneleiras de Goiabeiras, resolver os seus problemas e atender aquilo que as posiciona de maneira qualitativa e quantitativa no cenário de disputas público e privado, Estado e Mercado, a “incoerência” da gestão de suas ações pode demonstrar “apenas” a amplitude da interação com a sociedade envolvente e as resultantes dessas maneiras de *estar-com-entre* a cultura, a natureza, o mercado, o estado, a tradição, o local, o global, o patrimônio, os governos, os familiares, os vizinhos, vice-versa.

Ao chegar às dependências do galpão da associação, deparo-me, logo na entrada, do lado direito, com um balcão de atendimento da prefeitura municipal de Vitória. Dois atendentes, sendo um estagiário e uma estagiária apresentam orientações aos turistas e demais pessoas que por ali transitam durante a visita e as compras de panelas de barro. Apresento-me a presidente da associação, Marinete, relato meus interesses de pesquisa e questiono as possibilidades de estar desenvolvendo o estudo com e a partir das práticas e trajetórias das paneleiras. Recebo um sim, acompanhado de: *“Pois é Adimilson, bem que você pretende manter o vínculo conosco. Vai trazer mesmo uma cópia das imagens para a gente? Que bom mesmo, pois podemos usar quando for necessário. O pessoal que passa por aqui vem tirar fotos, fazem filmagens e nunca mais aparecem. Depois de um tempo vemos um livro publicado. Mês passado veio aqui um senhor querendo fazer um trabalho para levantar fundos para as paneleiras, nunca mais apareceu”*. Depois de ser apresentado a algumas artesãs, fico mais próximo do local de trabalho onde se encontra Eronildes e Mariana. Presencio como elas trabalham o barro e dão forma a este material. Ali, verifico uma cena interessante. Durante todo o dia passam inúmeras pessoas, turistas, vizinhança, donos dos restaurantes, empresários de outros estados do Brasil, mas a passagem de um casal chamou-me mais a atenção. Uma turista procurava uma panela com medidas específicas que sirvam para as dimensões do seu fogão. Procura uma panela com menor preço e indaga: *“Vou levar essa, o valor é só 10 reais, então se quebrar não vou perder muita coisa”*. Com expressão atônita, a jovem paneleira Mariana, de 24 anos, interrompe o trabalho de 27 vasos que está fazendo para uma igreja evangélica da cidade e retoma: *“Olha minha senhora, leve essa panela aqui que lhe será útil. Ainda mais porque o barro é vida”*. Sem saber muito que falar, a turista aceita a recomendação de Mariana, paga o valor da panela de barro e retira-se do galpão. Eronildes, sem parar o que faz, moldar o barro, um tanto insatisfeita relata o seu sentimento: *“O pessoal, muitas vezes, não quer saber do conhecimento, da tradição, do valor que tem o ofício de paneleira. Querem saber é o valor das panelas. A qualquer custo reclamam um preço o mais baixo possível. Não ligam muito para o que as panelas de barro realmente representam”*. Segui na observação junto ao trabalho de moldar o barro, pois, neste momento, já tinha sido acolhido para tomar um café denominado cafuzo, comer um pedaço de bolo de milho e provar o queijo fabricado na região. A parada para o lanche ocorreu após termos trocado várias impressões e eu ter

aceitado o convite de aprender a alisar as panelas de barro. Prestei-me a colaborar no trabalho ainda mais porque Eronildes tinha acertado uma encomenda de 200 panelinhas para escondidinho, e estava aguardando o cliente entrar em contato para acertar o horário da entrega das peças. Marinalva me ensina a alisar as panelas, processo que consiste em tapar os porros do barro de cada peça, na intenção de aumentar a resistência e completar a etapa que antecede a queima das panelas de barro. Junto ao grupo presencio algumas estratégias de venda e as negociações dos consumidores que recorrem o galpão para adquirir este bem da cultura capixaba. Marinalva insiste na maneira que deveria segurar a pedra para conseguir o efeito desejado nas peças. Então, vai até o box12 de sua prima Eronildes, e retira uma pedra (seixo de rio) do fundo de umas das prateleiras no interior de um armário de madeira: *“Usa essa Renato, com ela verá o trabalho render e tirará um melhor acabamento”*. A alisadeira de panelas tem guardadas inúmeras pedras de diferentes cores e formato. Suas colegas ficam admiradas com a diversidade de pedrinhas guardadas cuidadosamente por Marinalva. Faz bastante tempo que ela atua nessa atividade de alisar panelas. E durante o momento que observava o meu aprendizado ela retoma: *“Sabe Renato, eu tenho alergia ao barro. Para fazer panela tem que ter a mão boa, muita delicadeza. Eu tenho a mão pesada, sou útil nesse serviço de alisar panela, porque precisa força. Quanto mais força no braço melhor. Nas pontas dos dedos fica doendo bastante. E não é o braço que você segura à panela que dói mais, mas o braço da mão que se segura à pedra”*¹³. Essa proximidade com o ambiente de interação permitiu alguns insights importantes, mas, de outra forma, pode também ter precipitado uma percepção ainda marcada pelos contrastes preliminares de uma primeira visita de pesquisa. Por termos acesso à inserção de outras pessoas na cena do galpão, passamos a descrever o contexto do ambiente de trabalho das paneleiras como construído permanentemente durante a inserção de turistas, da vizinhança, e dos demais parentes, etc. Este aspecto de inserção e fluxo constante de pessoas é rico e amplia os níveis de interações possivelmente observados.

As estratégias de comercialização de panelas de barro demonstram os níveis de entrelaçamento das relações de parentescos mantidas nesta tradição de longa geração. No início quando se está aprendendo a fazer as peças, o lugar no grupo é definido pelos laços de proximidade familiar, mas a autonomia de cada artesã e artesão do ponto de vista da constituição das competências de produção do artefato é relativa à aceitação dos

itens produzidos pelos compradores que avultam o Galpão e as demais dependências de circulação e consumo predominante das panelas de barro.

A autonomia mencionada refere-se basicamente a poder se posicionar no ambiente de interação capaz de manter certa alteridade desde as lógicas de valoração e reconhecimento quando se adquire as peças de barro autenticadas pelas mãos das paneleiras de geração. Por outro lado, até se conseguir ter a total aprovação pelos consumidores deste bem cultural, relevância pública daquele resultado do engajamento atento de equilibrar propriedades de materiais *interpeladas/combinadas* continuamente, manterem-se próximas das detentoras da prática manual de estabelecer forma a argila transformada em panela de barro preta¹⁴, torna-se quesito fundamental à percepção de quem quiser se manter nesta tradição.

Quem passou por um *aprendizado de ofício* e reconhece as dificuldades de apreender diferentes conteúdos de conhecimento a serem transformados em práticas incorporadas para a sua externalidade funcional, olhar a ação e reproduzi-la confirmando por isso saber-fazer específico, também se torna conhecedor desses meandros do *fazer-se agente da cultura* e colabora no sentido de ter o cuidado necessário para a efetiva apropriação deste conhecimento detalhado nas circunstâncias vividas em/com a comunidade tradicional na qual se insere enquanto integrante.

Aprender em comunidade de práticas, e ainda neste contexto tradicional de produção de panelas de barro, remete a ideia de que há uma temporalidade e valorização de aprendizado, o saber-fazer, e a gestão de si e da interação recíproca com os demais parceiros do Ofício:

Marinete: Ô, essa aqui que é Regiane, a minha filha. A qual eu falei que faz panela de barro e tá mantendo a tradição. Começou a alisar com certeza vai aprender. Porque a vontade né que vem. A mesma coisa que aconteceu comigo aconteceu com ela. **Regiane:** Aí eu comecei vendendo para os clientes dela, né mãe, o seu Alceu. Eu comecei vendendo as minhas panelas para os clientes dela. Só que eu não sabia fazer tampa. Eu só sabia fazer as panelas de moqueca. Aí a minha mãe me ensinou fazer a tampa. Aí eu comecei fazendo a tampa também. E aí já (movimento com as mãos demonstrando ampliação do espaço/rede). Ela continuou com os clientes dela e eu já comecei a conseguir os meus separados. E a gente foi fazendo o nosso trabalho separado. **Marinete:** E o meu também comprava panela dela. **Regiane:** É. **Marinete:** Porque adorava as panelas dela

também, muito. **Regiane:** Porque na época eu fazia um tamanho menor e a senhora fazia um tamanho maior. **Marinete:** Eu fazia coisas mais grande. Ela fazia as panelinhas menor e as minhas panelas eram grande. **Regiane:** Olha, a gente usa uma linguagem diferente. Vamú lisa, vamú lisa, vamú quemá, vamú soítá. Açoitar, nós falávamos vamos soitar a panela. Açoitar é bater o tanino na panela. Deixar a panela preta. Quando ela sai da fogueira bem vermelhinha, a gente bate com a vassourinha o tanino, né, que é a casca do manguê do manguezal, e a panela fica pretinha. (SABERES DO BARRO, 2016)⁸.

São histórias narrativas repletas de valores e significação (GEERTZ, 1984) particulares desta coletividade constituída por sujeitos interessados por aquilo que fazem e dizem. Vivem as relações de parentesco e vizinhança a partir das circunstâncias que a vida lhes impõe. Mas, na sequência do vídeo indicado acima, como nos chama atenção Berenícia, a associação das paneleiras veio somar na difícil tarefa de se manter na tradição:

Berenícia: Quando vem uma coisa pesada, caindo, dizendo que não vou deixar vocês fazer mais isso, a segurança nossa é porque nós somos patrimônio histórico. [...]. Se acontece um problema nós vamos procurar os órgãos e falamos, nós somos patrimônio histórico, vocês vão deixar que venha a acabar? Porque a associação sozinha, mesmo, não tem força. Nós precisamos dos órgãos para nos ajudar. E para nós é muito importante a revalidação (SABERES DO BARRO, 2016).

As mudanças ocorridas nas práticas e conhecimentos durante a trajetória de constituição da identidade paneleira ainda estão por serem “desveladas”. Todavia, acompanhando a proposta de Lopes e Totaro (2014), as convenções e estruturas de sentimentos, presentes na estética atual do Galpão, nos documentos de ofícios, bem como e, principalmente, no denso material imagético produzido e divulgado sobre as mulheres negras paneleiras, podem elucidar indícios interessantes para pensar a ressemantização dos discursos e práticas, e até mesmo as corporeidades atuais. As transformações do galpão conseguiram fazer as paneleiras realizarem suas atividades em pé, de maneira quase ereta. As alisadeiras e alisadores ainda estão mais próximos do

⁸ A autenticidade é fabricada constantemente pela interação entre províncias de significado distintas (SCHUTZ, 1974). Em termos analíticos, temos uma aproximação interpretativa da fabricação da autenticidade em Spooner (2008, p. 283): “Estabelecemos distinções segundo valores que constatamos no passado, nesse caso no passado da mercadoria, porque [nós industriais urbanos] temos uma necessidade social de ordem e vemos mais ordem no passado, embora na verdade essa ordem tenha de ser constantemente renegociada entre todos aqueles que têm algum interesse nela”.

chão, sentados nos banquinhos ou na terra pura. Tornam distintos os engajamentos corporais destas atividades.

Na sequência, segue parte de um relato obtido através de entrevista, com a qual trabalhamos algumas informações específicas para se entender a imersão dos agentes ao longo do Ofício de Paneleira. Uma das paneleiras entrevistadas, Alceli Maria Rodrigues, com 55 anos de idade, produz panela de barro há cerca de 40 anos. Destaca na sua fala que começou na vida de paneleira aos exatos 15 anos. Sempre desenvolveu a atividade artesanal em casa, como fizeram a avó e a mãe. Dona Melquíadez, mãe de Alceli, falecera há 5 anos, episódio que reforça o sentimento de sua filha de um desejo e compromisso de seguir a tradição: *“Deixou agora, eu fiquei por conta de dar continuidade”*. Com a ajuda de seu irmão Ademilson e sua irmã que a ajuda esporadicamente, empenha-se em atender os seus próprios clientes e as indicações que esses fazem para procurá-la, devido à qualidade e beleza de suas panelas. Seu irmão a ajuda assiduamente, e sua irmã cumpre algumas tarefas na fabricação das peças ceramistas quando tem alguma dificuldade financeira⁹. Afora esses clientes mais assíduos herdados de sua mãe, Alceli afirma *“e cliente eu tenho devido a minha mãe, né, porque a minha mãe começou”*, alguns turistas, que são outra categoria de consumidores das peças, aparecem com maior dificuldade, no caso de haver alguma indicação especial.

Quando circulávamos por Goiabeiras Velha, para agendar algumas entrevistas com as paneleiras de residência, ao encontrarmos Alceli para confirmar o horário da conversa, esta paneleira faz o pedido que *a entrevista seja feita no dia posterior à realização de queima das panelas*. Nesta atividade de queima das peças, ela se empenha durante o processo inteiro. Depois da queima, as panelas passam pela etapa de bater o tanino, etapa que ela ainda faz dentro do processo “antigo”, sentada no chão para bater a muxinga nas peças. Como estava hospedado ao lado de sua residência, na casa de um de seus primos, quando saía para as demais entrevistas, sentia o cheiro da fumaça e o aroma do tanino.

No seu quintal de produção existe o lugar para a queima das peças, a fogueira no centro do pátio, em conjunto com as mesas para a modelagem das panelas, bem como o

⁹ Esse aspecto da procura da atividade artesã para cumprir com a renda mensal manifesta as diferentes tipicidades de atores envolvidos no ofício, e seguir essas distintas modulações pode permitir uma descrição etnografia mais nuançada e demonstrativa da polifonia e ambiguidades que envolvam indivíduos, a coletividade e seus parceiros.

depósito onde é guardado (acondicionado) o barro e o tanino. Existe todo um cuidado com a matéria-prima, por um motivo que desencadeia diversas consequências para a produção a partir desses materiais: a matéria-prima apodrece. No caso do barro, ocorre que se não for usado dentro de um tempo, onde se possa aproveitar por completo a sua liga, textura e plasticidade, ele acaba perdendo a sua eficácia à confecção das peças de barro. O tanino retirado da casca de árvore de mangue, processo que é realizado ao deixar essas lascas de caule embebidas na água por no mínimo dois dias, caso não seja usado por certo tempo diminuiu/retira o brilho do “*pretinho*” (a cor preta) das peças.



Alceli, 55 anos de idade, filha de Dona Melquíades-1ª presidente da APG.

A paneleira destaca que o desempenho das peças ceramistas (forma e durabilidade) é obtido pela mistura dos barros fino e grosso. Essa “competência” de precisar a qualidade da matéria-prima ocorre por se observar continuamente o ar estourando a panela durante o processo de queima. Se não houver certa homogeneidade entre os tipos de barro a serem compactados na forma de argila maleável, o ar acaba ficando preso nas camadas onde este material não ganha liga. E acomete aos ouvidos de Alcely o barulho: póc... Quando a panela estoura ou fica lascada, explicita-se o que ela denomina *panela pocou*. O aspecto avermelhado da panela exposta por Alcely, que identificamos quando as fotografamos ao visitar seu quintal de produção, traduz a mediação ocorrida pela inserção de turistas e demais atores nesta atividade artesã. Esse aspecto de cor avermelhada é a tonalidade da panela saída direto da fogueira sem ter sido batido o tanino e o “*pretinho*” então não cobriu a peça. A paneleira revela que “*minha mãe falava que o turista que inventou a panela toda queimada por dentro*”. Eles achavam que a panela estaria crua com o tanino batido somente no lado externo

das peças. O que revela as distintas ressignificações dos artefatos produzidos por esta coletividade, mas também, pelas demais competências a serem apreendidas paralela a obtenção de mais recurso, aqui entendido como a necessidade de uma quantidade maior de casca de árvore de mangue para se obter o tanino que acabara cobrindo de preto a totalidade das painéis.

Referências Bibliográficas:

- ABREU, Regina. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. In: TARDY, Cecile; DODEBEI, Vera (Orgs.). **Memória e novos patrimônios**. Marseille: Open Edition, 2015. p. 67-93.
- CALABRE, Lia. **Políticas culturais no Brasil; história e contemporaneidade**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2010.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- CAVIGNAC, Julie; CIACCHI, Andrea. Ouvir a cultura: Antropólogos, memórias e narrativas. In: Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos. (Org.) Manuel Ferreira de Lima Filho; Jane Felipe Beltrão; Cornélia Eckert. Blumenau: Nova Letra, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- DIAS, Carla da Costa. “Ser Panelista não é Brincadeira” – Estratégias de associação política na construção de uma categoria profissional. *Arq. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, v.64, n.3, p.203-213, jul./set.2006.
- _____. **Panela de Barro Preta: A Tradição das Panelistas de Goiabeiras** – Vitória/ES. Rio de Janeiro: Mauad X, Facitec, 2006a.
- GRABURN, Nelson. **Reconstruindo a tradição; turismo e modernidade na China e no Japão**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, Vol. 23, nº 68, p. 11-21, 2008.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1984.
- GIDDENS, Antony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- _____; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O Patrimônio como categoria de pensamento**. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- NUNES, André Gustavo Alves. **Os argonautas do mangue: uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória – ES**. Campinas, SP: [s.n.], 1998.
- OFÍCIO DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS**. – Brasília, DF: Iphan, 2006. 70 p.: il. color, 25 cm. – (Dossiê Iphan; 3) isbn 85-7334-031-2. Bibliografia: p. 54-58. 1.

- Patrimônio Cultural. 2. Patrimônio Imaterial. 3. Paneleiras-ofício. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Série. Iphan/Brasília-DF
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais no Brasil: passado e presente.** In: Políticas culturais. (Orgs.) RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim; ROCHA, Renata. Salvador: EDUFBA, 2012
- SABERES DO BARRO: Ofício das Paneleiras em Goiabeiras.** Vídeo do processo de revalidação do Ofício das Paneleiras de Goiabeiras Velha. S.A Consultoria; Filmes de Quintal; IPHAN; Ministério da Cultura, 2016.
- SANTOS, Adalberto S. **Patrimônio e memória: da imposição de identidades à potencialização de atos coletivos.** In: Políticas culturais. (Orgs.) RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim; ROCHA, Renata. Salvador: EDUFBA, 2012
- SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social.** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1974.
- SIMÕES, Lucieni de M. **A Semântica do Intangível: considerações sobre o Registro do ofício de paneleira do Espírito Santo.** Tese (Doutorado em Antropologia), UFF, Rio de Janeiro, 2008.
- SPOONER, Brian. Tecelões e negociantes: a autenticidade de um tapete oriental. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói: EdUFF, 2008, p. 247-298.
- TRAJANO, Wilson. **Patrimonialização dos**